



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

PATRÍCIA FIUZA LIMA SCHARF

**ÁFRICA DO SUL E A SURPREENDENTE ECONOMIA DE
BOTSWANA**

Florianópolis, Santa Catarina

2018

PATRÍCIA FIUZA LIMA SCHARF

**ÁFRICA DO SUL E A SURPREENDENTE ECONOMIA DE
BOTSWANA**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de graduação em Relações Internacionais, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito para obtenção de título de Bacharel em Relações Internacionais

Orientador: Me. João Batista da Silva.

FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus pelo dom da vida e pelas graças que, guiadas pela sua companhia, me permite alcançar.

Como não poderia ser diferente, agradeço aqueles que iluminam a minha vida, que me motivam, incentivam, que acreditam em mim e que são os meus maiores exemplos de vida, meus dois grandes amores, Rosalba Fiuza Lima e Mauro Scharf. São por vocês, queridos pais, que eu tenho o maior amor e gratidão desse mundo.

Aos meus amados irmãos Gustavo Fiuza Lima Scharf e Cristina Fiuza Lima Scharf Voigt (extensivo ao meu querido cunhado Thiago Voigt), por tantos momentos compartilhados, experiências e incentivo nesta jornada.

As minhas duas sobrinhas, princesas amadas, Lorena Scharf e Laís Scharf por encherem a minha vida de cor, esperança e alegrias.

A minha grande companheira Sacha Schiper por toda compreensão, apoio e carinho. Obrigada por tornar a minha vida ainda mais feliz.

Ao Jean Lucas Rocha, por ter me acompanhado em boa parte desta fase da minha vida o qual me ajudou a superar os desafios e obstáculos sempre com bom humor.

Ao meu orientador Sr. Mestre João Batista e coorientador Sr. Luciano Daudt por todo auxílio, fundamental, na realização deste trabalho.

A minha querida professora e amiga Silvia Back pela inspiração nos estudos referentes à África do Sul e Botswana

A coordenadoria de informações da Alesc, em especial os queridos colegas de trabalho: Rosana, Elisângela, Ana, Henrique, Odicéia, Suzi Lara, Maria Fernanda, Josiane e Aretusa que, pacientes, me motivaram e incentivaram na realização e entrega de uma boa monografia.

Aos meus queridos amigos da vida que de alguma forma fizeram-se presentes nesta etapa.

Eu lutei contra a dominação branca, e lutei contra a dominação negra. Eu tenho prezado pelo ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas possam viver juntas em harmonia e com iguais oportunidades. É um ideal pelo qual eu espero viver e que eu espero alcançar. Mas, caso seja necessário, é um ideal pelo qual eu estou pronto para morrer.

(Nelson Mandela)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de analisar o desenvolvimento do país africano Botswana, desde seu passado colonial até chegar ao topo do ranking de países com melhores índices de desenvolvimento na África, destacando-se diante do mundo inteiro.

É relatado a partir da apresentação do histórico da África do Sul que fora um dos primeiros espelhos para Botswana. Contextualizando a situação carente do continente Africano desde quando era colônia dependente do império Inglês também com começo da Apartheid até sua independência, desenvolvimento pleno, suas particularidades políticas, econômicas e sociais.

Desta forma, analisando seu vizinho fronteiro o Zimbábue que não obtiveram o mesmo crescimento próspero nos últimos anos e com ainda níveis altíssimos de miserabilidade.

Análise feita observando os aspectos políticos e econômicos dos países citados principalmente através de dados do Banco Mundial (BM) e Organização Mundial do Comércio (OMC); que demonstram esse crescimento no Índice de Desenvolvimento Humano de Botswana.

Apresenta-se este desenvolvimento com a justificativa da implementação de políticas de liberdade econômica adotadas no país; como uma maior participação no mercado encorajando sociedade e empreendedores bem como a utilização de fronteiras livres de taxas para a negociação e colocação de mercados prósperos no país.

Palavras chave: Botswana; África subsaariana; Liberdade econômica.

ABSTRAIT

Ce travail de conclusion de cours vise à analyser le développement du pays d'Afrique du Botswana, de son passé colonial pour arriver au sommet du classement des pays avec les meilleurs taux de croissance en Afrique, en particulier devant le monde entier.

Il est rapporté de la présentation historique de l'Afrique du Sud qui était l'un des premiers miroirs pour le Botswana. Contextualisant la mauvaise situation du continent africain depuis qu'il était l'empire anglais colonie dépendante aussi le début de l'apartheid jusqu'à son indépendance, le développement complet de ses caractéristiques politiques, économiques et sociaux.

Ainsi, l'analyse de son voisin à la frontière du Zimbabwe qui n'a pas obtenu la même croissance prospère ces dernières années et encore des niveaux élevés de misère.

L'analyse en observant les aspects politiques et économiques de ces pays, principalement par la Banque mondiale (BM) et l'Organisation mondiale du commerce (OMC); qui démontrent cette croissance dans l'indice de développement humain du Botswana.

Ce développement est présenté avec la justification de la mise en œuvre des politiques de liberté économique adoptées dans le pays; une plus grande part de marché et encourager la société des entrepreneurs ainsi que l'utilisation des taux de frontières ouvertes pour la vente et la distribution des marchés prospères du pays.

Mots-clés: Botswana; Afrique subsaharienne; Liberté économique

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rota de Vasco da Gama.....	24
Figura 2 – O espaço africano.....	27
Figura 3 – Gráfico comparativo de liberdade econômica.....	43
Figura 4 - <i>Sub-saharan Africa Heat Map</i>	44
Figura 5 – Gráfico comparativo de PIB <i>per capita</i> (Botsuana x Brasil).....	46
Figura 6 – Taxa de investimento e taxa de poupança em Botswana.....	47
Figura 7 – Taxa de investimento (Botswana x Brasil).....	47
Figura 8 – Taxa de poupança (Botswana x Brasil).....	48
Figura 9 – Dívida/PIB (Botswana x Brasil).....	49
Figura 10: Índice de Liberdade Econômica segundo a <i>Heritage Foundation</i>	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	17
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	17
1.2 OBJETIVOS.....	18
1.2.1 Objetivo geral	18
1.2.2 Objetivos específicos.....	18
1.3 JUSTIFICATIVA	19
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
2 ÁFRICA: GEOGRAFIA, SOCIAL, ECONOMIA E POLÍTICA.....	23
2.1 PROCESSO HISTORICO DE COLONIZACAO AFRICANA.....	23
2.1 O ESPAÇO AFRICANO.....	27
2.2 POPULAÇÃO E DIVERSIDADE.....	28
2.3 ECONOMIA DA ÁFRICA	29
3 LIBERDADE ECONÔMICA	33
3.1 LIBERDADE ECONÔMICA X FACILIDADE ECONÔMICA	35
4 NEPAD, DEMOCRACIA E GOVERNANÇA.....	36
5 LIBERDADE ECONÔMICA APLICADA EM BOTSWANA E RESULTADOS	38
5.1 BOTSWANA, ZIMBÁBWE E BRASIL: UMA BREVE COMPARAÇÃO PARA ENTENDIMENTO DO CRESCIMENTO.....	44
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa bibliográfica visa investigar como o país da África Subsaariana, Botswana, tem sido o país com o maior crescimento no continente, e um dos países que mais cresce no mundo. E com isso, demonstrar como atualmente sua renda *per capita* se compara à renda de alguns países mediterrâneos e difere de seu vizinho mais próximo Zimbábue. Apontar a importância da liberdade econômica naquela realidade reforçando que não foi exclusivamente devido à receita de diamantes e nem à sua população homogênea que o país se desenvolveu. Este estudo também busca contextualizar a abordagem geral de livre mercado ao desenvolvimento econômico adotado pela liderança de Botswana nos primeiros anos, o qual teve o efeito que diversos economistas pró-mercado previam: rápido crescimento e aumentos sérios da qualidade de vida para o botsuano médio. Descreve-se então um governo com baixos índices de corrupção e com uma elite empresarial não corruptível, ao qual são atribuídos estes resultados positivos nos índices. Botswana já tem renda *per capita* maior que o Zimbábue e o Brasil tendo também seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) evoluindo aceleradamente. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de natureza básica e abordagem qualitativa.

1 APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Para melhor compreensão dos pontos defendidos e analisados ao longo deste trabalho, este capítulo dedica-se a apresentar sua estrutura, metodologia e pontos de partida utilizados para avaliar o desenvolvimento do Botswana ao longo dos anos e sua relação com o continente africano e outras economias ao redor do mundo.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

O continente africano é o terceiro maior continente do planeta e detém uma diversidade imensa de cultura, território e governo.

É um território banhado pelo Oceano Atlântico, pelo Mar Mediterrâneo e pelo Oceano Índico, onde certamente surgiram os primeiros seres humanos.

A África foi, desde a antiguidade, procurada por habitantes de outros continentes que buscavam explorar suas riquezas naturais. Em função disso, a atual divisão territorial da África é muito recente, datando de meados do século XX, como resultado da descolonização europeia.

Neste contexto foi separado em duas Áfricas: África Mediterrânea e África Subsaariana.

A África do Sul obtém grandes reservas de diamante, cromo, platina, ouro, dentre outros minérios. Outra fonte econômica é o turismo e a grande produção de petróleo, gás natural e diamantes nos países da África Subsaariana.

No fim da década de 70, quase toda a África havia se tornado independente.

Os recentes Estados africanos enfrentam vários problemas críticos como o lento desenvolvimento econômico, o neocolonialismo e a incapacidade de se fazerem ouvir nos assuntos internacionais. A maioria dos Estados africanos ainda são considerados como parte do Terceiro Mundo.

Apesar dessa grande riqueza mineral, a África Subsaariana apresenta diversos e severos problemas socioeconômicos e os organismos internacionais não implementam políticas eficazes para solucioná-los. A fome, por exemplo, castiga grande parte dos africanos, onde os índices de desnutrição são alarmantes nessa região do planeta: Congo (76%), Somália (72%), Burundi (63%), Serra Leoa (47%).

Botswana possui um dos melhores índices de crescimento econômico do século XX em toda África Subsaariana, ficando em primeiro lugar em liberdade econômica até o ano de

2010. Analisando seus aspectos sociais, conseguiu, através do investimento em educação e políticas públicas de apoio aos mais pobres, sair dos índices de miserabilidade.

O país possui ainda muitos problemas referentes a doenças e pragas, investindo em saúde para também sair dessa condição.

É interessante ressaltarmos que foi através do casamento entre uma mulher branca e um homem negro, os quais se conheceram na Inglaterra, que foi formado o primeiro governo considerado honesto de toda a África, jamais tendo se envolvido em qualquer escândalo de corrupção.

Diante do exposto, apresenta-se como problema de pesquisa a seguinte questão:

Como políticas de liberdade econômica impactaram no percurso recente de destaque no crescimento de Botsuana em breve comparação com a realidade geral do continente africano?

1.2 OBJETIVOS

Para a construção da monografia são elaborados os seguintes objetivos:

1.2.1 Objetivo geral

Contextualizar a situação econômica e política em Botswana, apontando seus reflexos nos altos índices de desenvolvimento humano e explicando o conceito de liberdade econômica, bem como, dos resultados satisfatórios que podem ser obtidos com o desenvolvimento de uma política econômica livre num país.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Descrever os aspectos históricos, naturais, culturais e político-econômicos do continente Africano e de Botsuana.
- b) Apresentar o conceito de liberdade econômica.
- c) Demonstrar o impacto de políticas de liberdade econômica adotados em Botswana.

1.3 JUSTIFICATIVA

O ambiente em que vivemos atualmente exige uma reflexão mais profunda acerca dos rumos que a sociedade irá tomar nos próximos anos. Estamos vivendo em um ambiente não sustentável, egoísta e principalmente cheio de erros milenares repetindo-se dia após dia.

Dentro desta perspectiva, podemos encontrar muitos modelos de ‘como não fazer’, porém, Botswana, um país africano subsaariano, vem se destacando como um modelo de nação a ser seguido. Mesmo com uma história marcada pela presença de diversos conflitos étnicos, visto que foram colonizados pela Grã-Bretanha e apenas obtiveram sua independência em meados da década de 60, o crescimento político e econômico é visível, principalmente quando relacionado a seus vizinhos africanos mais especificadamente o Zimbábue. Este crescimento deu-se em altos níveis quando o governo começou a usar o rendimento dos impostos gerados pela exploração de diamantes a seu favor. Assim, a partir de políticas fiscais prudentes, um governo não corrupto e uma política estrangeira bem cautelosa o país foi capaz de melhorar seus índices de desenvolvimento.

É importante relatar estes índices de desenvolvimento de um país da África, sendo este um dos países que mais cresce no mundo. Isto é, uma das nações, antes, mais pobres do mundo, hoje consegue equiparar sua renda per capita a diversos países do Mediterrâneo. Apesar muitos atribuem o êxito do país à sua população homogênea e à receita de diamantes, na verdade, o sucesso é resultado principalmente de sua liberdade econômica.

Claramente, o debate sobre as causas desse alto índice de desenvolvimento está longe do fim. Entretanto, Friedman (1972), um grande defensor da liberdade econômica, expõe em seu livro *Capitalism and Freedom*, que o crescimento das economias está ligado ao nível de liberdade econômica das instituições e dos agentes. Entretanto, o maior empecilho é a dificuldade de medir essa liberdade.

Existem diversos estudos para tal, e o *Fraser Institute* (FI – do Canadá), desenvolve um sistema com o cálculo deste índice desde 1970, o qual recebe dados de muitos institutos espalhados pelo mundo. Este mesmo Instituto declarou Botswana, em 2009, como a mais economicamente livre nação africana subsaariana. Porém, no relatório mais recente, Maurício encontra-se na frente. Segundo Lima (2010), a diminuição nas liberdades econômicas leva a um empobrecimento do seu povo.

Desta forma, entende-se que o principal motivo de Botswana obter um sucesso pós-colonial, é ter dado chance à liberdade econômica, acreditando que assim poderia haver um bem em longo prazo. Enquanto outros países africanos veem as ideias ocidentais como não

suficientes, alegando que a África é “única e diferente”, Botswana encontrou sua liberdade econômica por conta própria, vivendo com um melhor padrão de vida. Ou seja, a taxa de impostos do país é uma das menores do mundo, o governo cumpre sua tradição de respeito às propriedades privadas e suas fronteiras são mais livres do que dos outros países do continente. (PONTES, 2016)

O historiador Robert Guest, afirma em suas pesquisas e publicações que desde a independência, Botswana tem sido governada de forma sensata, cautelosa e, até mesmo, honesta. A integridade relacionada ao país, descrita por Guest, faz com que o Estado se afaste da lástima pobreza do continente. Enquanto muitos não possuem água potável, sofrem com a insegurança nas ruas e um alto índice de crimes violentos, por exemplo, Botswana se assemelha a um país ocidental, com um comércio intenso, shoppings, lojas franqueadas, baixo índice de violência e água potável regular. É por isso que tem atraído turistas, fazendo com que o turismo desempenhe assim um papel fundamental na economia do país. Eles são atraídos pelo desenvolvimento e pelo grande número de reservas de vida selvagem, parques nacionais e áreas alagadas com farta fauna.

Sendo assim, é necessário destacar este país, pois, contra todas as expectativas, ele deixou de ser mais um dependente da África do Sul, e se tornou um dos crescimentos mais visíveis (e sustentáveis) do século XX - não só no continente, mas no mundo. Um país que saiu de criadores de gados e desertos para o triunfo, com pouco mais de cinco décadas de independência. Apresentando uma tolerância acima do comum, o primeiro governo abriu o caminho para a harmonia racial, diferente de outros países os quais entraram em ‘uma guerra’.

Além do que, conforme o novo governo foi se formando pós-independência, ao invés de exagerar nos impostos, o governo tributava a população em níveis baixos. O que encorajava o empreendedorismo em seu povo, diminuindo a corrupção e evasão fiscal. (CASTRO, 2014)

A busca de Botswana por harmonia racial, ajudou a evitar os tumultos que outros países subsaarianos enfrentaram. Assim que Seretse Khama, primeiro líder e presidente de Botswana, assumiu, ele deu abertura aos expatriados britânicos e iniciou a abordagem geral de livre mercado. A partir do momento em que este comportamento foi adotado, os economistas já previam: haverá aumentos reais da qualidade de vida do povo e rápido crescimento. Foi graças a estes fatores que contrariaram a história geral, que geralmente colocava os recursos naturais como uma ‘maldição’; afinal, usualmente impedem o desenvolvimento de políticas modernas, burocracias e leis. Isto é, instigando a corrupção, onde os chefes de Estados

cinicamente dão a si mesmo maior poder e riqueza, dificultando assim o enriquecimento do país como um todo. (GOMES, 2016)

Novamente, Botswana foge do comum, e pode-se dizer que a nação atingiu este crescimento, não apenas por causa dos diamantes, mas sim, por uma série de políticas econômicas e sociais adotadas após a ascensão de uma democracia com baixos níveis de corrupção no país. São exemplos destas medidas a abertura de mercado, maior liberdade para empreendedores privados, etc. Porém, independentemente de ter crescido e se desenvolvido em um ritmo intenso por décadas, o país também se depara com grandes desafios, como, por exemplo, a AIDS, da qual a população é penosamente castigada, sendo que um a cada três habitantes possuem o vírus HIV. Isto coloca-os na pior expectativa de vida do ranking mundial. É nesse ponto em que questiona-se a extensão do governo atual e a proporção do crescimento constante, que pode estar freando a prosperidade e futuro crescimento da nação.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Toda pesquisa científica é um processo de busca por respostas a questionamentos acadêmicos sobre um determinado tema de relevância social e científica, com métodos bem definidos e delineados. Fazer ciência “é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da interpretação e da compreensão de uma informação” (VALENTE, 2003, p. 98), e selecionar boas técnicas de pesquisa é de suma importância para se garantir a veracidade dos resultados e da reflexão da pesquisa científica (LAKATOS *apud* ALYRIO, 2009).

Neste sentido, foi utilizada para tal trabalho de conclusão de curso a pesquisa do tipo “*revisão bibliográfica*” de natureza “*básica*”, por realizar levantamento de conhecimentos teóricos com a intenção de facilitar o caminho percorrido pelo pesquisador até a obtenção da informação desejada. Além disso, este tipo de pesquisa caracteriza-se por sua sistematização de pesquisa por materiais publicados em revistas, jornais, livros, artigos científicos, sites da internet, bem como outros instrumentos que facilitam qualquer tipo de pesquisa posterior (MORESI, 2003).

Desta forma, a referida pesquisa contextualizou os aspectos políticos e econômicos de Botswana, por meio dos dados literários citados em documentos oficiais (tais como resoluções da ONU, BM, OMC, UNCTAD), artigos e notícias de jornais eletrônicos, bem como decisões e ações das organizações internacionais publicadas. Nessas fontes foram coletados dados para a compreensão do tema e para explicar o crescimento da sua economia

como resultado, não somente da produção de diamantes, mas, sim, de uma boa gestão de governo.

No que se refere à forma de abordagem do problema, a pesquisa é “qualitativa” por não utilizar de métodos e técnicas estáticas exatas; e quanto ao seu objetivo, “descritiva”, por apenas descrever características do objeto de estudo.

Segundo Goldenberg (1997), a pesquisa qualitativa se preocupa principalmente na observação de um só grupo de informações para defender um modelo único de abordagem de todas as ciências, visto que as ciências sociais obtêm uma “metodologia própria”.

Ainda Minayo (2010) complementa que a pesquisa qualitativa conta com aspectos muito mais profundos nesta observação, tais como: o ambiente, as crenças, o meio, as motivações, os valores e as atitudes humanas, que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis de estatísticas exatas. Portanto, o próprio ambiente em que estão inseridos os atores da pesquisa contempla o “objeto” a ser estudado e descrito.

Sob esta ótica de pesquisa qualitativa e descritiva, o presente trabalho é focado em descrever as características do povo africano e botsuano, que são um determinado grupo; os seus aspectos econômicos, políticos e sociais, que é um fenômeno; e as relações entre estes aspectos, buscando compreender o processo de crescimento e desenvolvimento econômico e político de Botsuana em seu respectivo meio geopolítico, ou seja, em continente africano.

2 ÁFRICA: GEOGRAFIA, SOCIAL, ECONOMIA E POLÍTICA

Nesta sessão serão expostas informações sobre o Continente Africano, indicando seu surgimento, desenvolvimento, população, economia e aspirações futuras para uma melhor compreensão dos aspectos sociais e econômicos da África, sobretudo do país foco da pesquisa: Botsuana.

Compreender a divisão da África, origem da pobreza e as mazelas do continente darão um suporte maior para entender o processo utilizado pelo governo de Botsuana em abrir sua economia e superar os índices de crescimento de toda África Subsaariana.

2.1 PROCESSO HISTÓRICO DE COLONIZAÇÃO AFRICANA

A África do Sul, em 2010, comemorou um século de independência. A pujança econômica e natural (bem como as contradições sociais do país) impacta a todos. O contraste entre os bairros de classe média (predominantemente branca), arranha-céus de Joanesburgo e o charme do turismo em relação às favelas ao longo das estradas e das periferias urbanas e a miséria de certas regiões rurais é marcante. (VISENTINI, 2010)

A história e a realidade sociopolítica sul-africana continuam pouco conhecidas devido ao silêncio dos mitos que a envolve. A grande questão da segregação, opressão e exploração da maioria nativa está longe de ser encerrada. A África do Sul possui um caráter único, diferente das demais colônias tradicionais, e o dilema classe ou raça que marcou o movimento de libertação se revela decisivo. (VISENTINI, 2010)

A colonização da África do Sul se deu de forma diferente das demais colônias africanas. Em 1488 o navegador português Bartolomeu Dias deu a volta na região do Cabo chegando a Mossel Bay. Na mesma época, outro explorador português, Vasco da Gama, tinha descoberto a rota para a Índia, passando pelo Cabo. Como a Cidade do Cabo era um porto conveniente entre o caminho do ocidente e do oriente, em 1652 os holandeses enviaram o comandante Jan van Riebeeck para o local, o qual passou a usar a Ilha Robben como feitoria para o caminho das Índias. (Embaixada da República da África do Sul, 2018).

A rota de Vasco da Gama pode ser observada na Figura 1.

Figura 1 - Rota de Vasco da Gama



Fonte: VISENTINI, 2010

Quando os holandeses fecharam a Companhia das Índias em 1795, as forças inglesas tomaram o controle da região do Cabo. Porém os britânicos devolveram o poder aos holandeses no breve período de 1803 a 1806, mas depois resolveram tomá-lo novamente na Guerra dos *Boers*, que ocorreu entre 1899 a 1902. Nesta guerra, os ingleses, interessados nas minas de diamante da região, enfrentam colonos holandeses e franceses locais. Vencedores, os ingleses passam a dominar grande parte da região. (Embaixada da República da África do Sul, 2018).

Deu-se então início à corrida do ouro. Ela começou em 1886, quando as fazendas das redondezas foram declaradas propriedade pública e uma nova cidade foi criada na região: Johannesburgo. Nessa época, o Norte tinha assumido o controle da África do Sul e várias guerras marcaram a luta pelo poder. (Embaixada da República da África do Sul, 2018).

O território sul-africano foi completamente dominado e os *Boers* e os britânicos conseguiram se conciliar. Em 1910, A União da África do Sul foi proclamada. Durante o século 20, os *Afrikaaners* voltaram a dominar o país por um curto período, mas a história

registra uma impressionante dificuldade político-social vivenciada pelos negros. (Embaixada da República da África do Sul, 2018).

Segundo Visentini, os colonizadores britânicos “brancos” começaram a se preocupar quando se depararam com a mudança demográfica dos negros: de pequena minoria nos centros urbanos, passaram a ser maioria em todas as cidades principais por 40 anos. Após essa percepção, os negros foram completamente privados dos seus direitos, sendo expulsos dos sindicatos políticos e comerciais. As leis chamadas de *Pass Laws* controlavam seu movimento, garantindo que não saíssem das fazendas dos brancos. Graças ao conjunto de leis *Land Acts*, de 1913 e 1936, a maioria dos negros, que continuou vivendo em tribos, também foi proibida de comprar terras fora das reservas.

Em 1948 foi criada a estrutura política, social e econômica do *apartheid* (sistema legalizado que discriminava racialmente os negros e garantia o domínio da minoria branca na região). As eleições desse mesmo ano colocaram o Partido Nacional no poder. Por 30 anos, o Partido Nacional batalhou para manter o sistema de *apartheid*, que pregava a censura aos meios de comunicação e a falta de liberdade de expressão. O índice de violência estava aumentando, bem como o número de protestos no país. Com o *apartheid* foi criado um mundo novo, pois esta posição política nacional trouxe muitas leis novas. Os negros foram forçados a se sentar em bancos públicos separados, usar entradas de prédios diferentes e ter seus próprios banheiros públicos. No ano seguinte, o decreto *Mixed Marriages Act* proibiu casamentos entre negros e brancos. O decreto mais cruel de todos foi o *Popular Registration Act*, de 1950, que exigia registros de acordo com as classificações raciais. Os negros eram obrigados a carregar um passe permanentemente, impedindo-os de entrar nas cidades. Mais adiante, um grande número de negros foi enviado a áreas chamadas de *townships* - áreas de segregação racial e grande pobreza, que quanto mais longe dos olhos dos brancos, melhor. (Embaixada da República da África do Sul, 2018).

Em 1961 a União da África do Sul conquista sua independência da Inglaterra, formando a República da África do Sul. O Partido Nacional controlou o país até as eleições de 1994. O *apartheid* começou a ser desativado pelo presidente Frederik De Klerk, num tortuoso processo que iniciou com a libertação de Nelson Mandela e culminou com sua eleição à presidência do país em 1994. (VISENTINI, 2010)

Na transição à democracia a figura emblemática de Nelson Mandela, para a maioria das pessoas, teria produzido uma mudança tão radical, quanto pacífica. O sentimento nacional era de que o governo liderado pelo partido hegemônico, o Congresso Nacional Africano (CNA), teria se revelado incompetente para solucionar os problemas da nação. Reinserida no

mundo e na África, candidata a um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU e aspirante ao status de potência média, a África do Sul também desperta esperança e, igualmente, desconfiança por parte de seus vizinhos. (VISENTINI, 2010).

A África do Sul pós-*apartheid* tem promovido ativamente a integração econômica do continente na economia mundial. A SADCC, Coordenação da Cooperação para o Desenvolvimento da África Austral, foi transformada em 1992 em Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral – SADC, com atribuições mais concretas e adesão de novos países, dinamizados pela entrada da África do Sul. Em setembro de 2001 a organização, que promoveu uma ativa integração na região, aprovou a criação de uma área de livre comércio entre os países membros para a década seguinte. O presidente Mbeki, futuro sucessor de Mandela, lançou também a NEPAD, Nova Parceria Econômica para o Desenvolvimento Africano. Tudo isto contribuiu para que algumas eleições transcorressem com tranquilidade, como a do Quênia e a de Madagascar, vencidas pela oposição anteriormente. (VISENTINI, 2010).

Em 14 de abril de 2004, o Congresso Nacional Africano (ANC) venceu a eleição com 69,68% dos votos. A data escolhida para a Terceira Eleição Democrática da África do Sul para eleger o presidente foi 27 de abril de 2004, para coincidir com a comemoração dos 10 Anos de Liberdade. Em seu discurso, o Presidente Mbeki prometeu solenemente lutar contra a miséria como a parte central do esforço nacional para construir uma nova África do Sul. Em todos esses anos, muitos progressos já foram feitos para melhorar as condições de vida de muita gente e este compromisso ainda continua. (Embaixada da República da África do Sul, 2018).

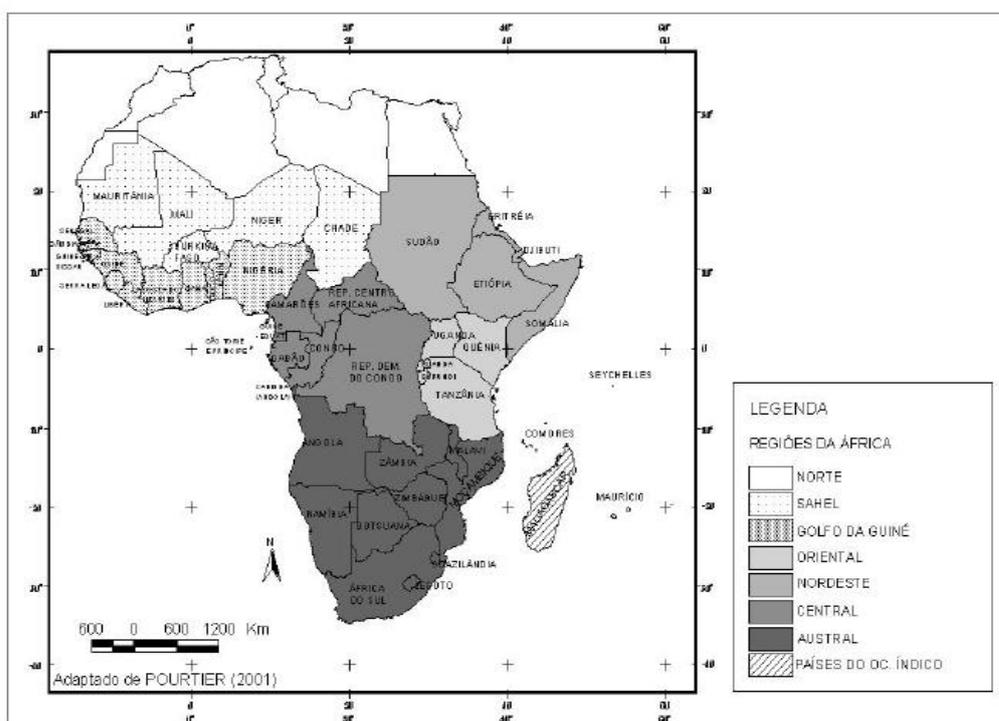
Em 2012 o Partido Nacional, completará um século de existência, com quase duas décadas no poder, com o desgaste que isso implica, inclusive com a adesão de alguns negros ao status de elite. A situação social da maioria melhorou substancialmente, mas as necessidades e expectativas cresceram em proporção talvez maior. O desemprego é elevado e a criminalidade atingiu níveis alarmantes. E é desse impasse e mal-estar que a África do Sul sofre atualmente. O tempo de minimizar os problemas sociais apenas com políticas públicas compensatórias e assistencialistas, sem a estruturação de um novo modelo socioeconômico, foi ultrapassado. A emergência de novas contradições políticas está abrindo espaço para novos confrontos ou para um novo pacto de poder. (VISENTINI, 2010).

2.1 O ESPAÇO AFRICANO

Segundo continente mais populoso da terra é o único continente presente em todo o hemisfério: norte, sul, leste e oeste. Cortado, ao mesmo tempo, pela Linha do Equador e pelo Meridiano de Greenwich (a segunda mais populosa). (PENA, 2011)

Limitada ao norte pelo Mar de Mediterrâneo, responsável por separar esse continente da Europa. A nordeste, faz fronteira com a Ásia, através do território do Egito, sendo limitado também pelo Mar Vermelho. Ao leste, o continente africano encontra-se banhado pelo Oceano Índico; a oeste, pelo Oceano Atlântico. (PENA, 2011)

Figura 2 – O espaço africano



Fonte: MONIÈ, 2007

Berço da humanidade e um dos últimos continentes a ser colonizada, a África Subsaariana é tradicionalmente apresentada como uma região isolada do restante do mundo. A arquitetura maciça do continente dificultou a sua penetração, em sumo a partir do litoral Atlântico onde os sítios portuários naturais de qualidade são raríssimos e onde as correntezas dos cursos inferiores dos rios dificultam a articulação dos mesmos com a costa. (MONIÉ, 2007)

É considerada uma região pobre, resultado de grande processo de exploração colonial. Desta forma, também se percebe uma grande variedade de etnias. Um problema grave presente é a dependência econômica. Apesar de, oficialmente, o colonialismo não existir mais, sua prática é presente. A exploração de recursos naturais, de mão de obra por empresas estrangeiras, por exemplo, é bem significativa. A economia geral depende de exportação de extrativismo mineral e vegetal, além de produtos agropecuários. (SARAIVA, 2015)

Ao todo são 55 países, dos quais seis são insulares e 49 são continentais, incluindo o Sudão do Sul, o país mais jovem do mundo, cuja independência foi declarada em 2011. A tendência, nesse sentido, é que o número de países continue crescendo, já que a maior parte das fronteiras territoriais dos países africanos é muito frágil e envolve disputas constantes por independência ou até por unificação. Grande parte dessas questões está relacionada com o processo histórico de colonização do continente africano. (PENA, 2011)

Oficialmente reconhecida como República da Botswana, está localizada na África Austral, sem costa marítima. Com quase 600 mil km² e pouco mais de 2 milhões de habitantes, passou por um processo de ruptura com o atraso que foi implantado no país africano a partir de 1966 (quando se tornou um país independente da Inglaterra). Um governo honesto com uma elite empresarial honesta gera excelentes resultados. O país já possui renda per capita maior que o Brasil e seu IDH está evoluindo aceleradamente. (PENA, 2013)

Com 70% de sua área coberta pelo Deserto do Kalahari, faz fronteira com África do Sul, Namíbia, Zimbábue e Zâmbia. Conforme análises realizadas por Institutos como *Fraser Institute* e *Heritage Institute*, Botswana, apesar de ter sido considerado no início de sua independência como um dos países mais pobres do mundo, atualmente conta com um PIB per capita de cerca de 17 mil dólares. Um alto rendimento nacional bruto, sendo atualmente o segundo maior da África Subsaariana. (PENA, 2013)

2.2 POPULAÇÃO E DIVERSIDADE

A África é um continente de profundas disparidades sociais, e que concentra a maior parcela da população pobre do mundo. A ampla maioria dos países africanos apresentam um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo, o que é consequência da baixa qualidade de vida da população no continente, com altas taxas de subnutrição, analfabetismo, mortalidade infantil, bem como baixa expectativa de vida da população. (KUNAST, 2016)

A distribuição da população na superfície do continente é bastante irregular. O Vale do Nilo, por exemplo, apresenta densidade demográfica de 500 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto áreas de desertos são praticamente despovoadas. As regiões das savanas

são áreas de densidade demográfica média. Pouquíssimos países na África apresentam população urbana maior que a população rural. Isso implica diretamente no seu subdesenvolvimento com altas taxas de natalidade e mortalidade, bem como expectativa de vida baixa. Esse fato também implica na afirmativa de que a grande parte da mão de obra africana é constituída de trabalhadores rurais, com formas de produção simples e quase sem uso de mecanização e tecnologia. (DECICINO, 2010)

A grande parte da população africana até os dias de hoje é dividida em clãs e tribos que permanecem isoladas a fim, principalmente, de manter relações culturais intactas. (SHUTZER, 2013)

Ao sul, a população pratica religião própria e ao norte são bastante influenciados pelo islamismo. Por fim, grandes centros cristãos são observados principalmente como resquício da colonização europeia. (SARAIVA, 2015)

A diversidade linguística e os dialetos devem ser salientados também, apesar de que a maioria da população tem como língua base o francês, o inglês e o africâner.

A ASS registra os maiores índices de fome e pobreza mundiais. E assim, concentram os maiores índices de Desenvolvimento Humano e elevadas taxas de mortalidade. Uma área carente de setores cruciais como saúde, transportes, educação e com uma grande parte da população vivendo abaixo da linha da pobreza. Segundo dados da *World Bank* (2010), cerca de um terço da população subsariana (200 milhões de pessoas, aproximadamente) dormem com fome, e milhões de crianças menores de 05 anos de idade são malnutridas.

2.3 ECONOMIA DA ÁFRICA

O continente africano é o menos desenvolvido economicamente. O crescimento da economia se dá lentamente graças a exploração mineral e em menor escala a industrialização, principalmente nos países do sul. (BRANCO, 2003)

Atualmente, além dos polos de crescimento acima citados, pode-se observar que a África é um continente essencialmente agrícola, no qual monoculturas de exportação se revezam com agriculturas de subsistência rudimentar, itinerante e extensiva. (SARAIVA, 2015)

Entretanto, o século XXI se deu início com profundas mutações na base das sociedades, das economias e dos Estados africanos. A África desenha uma mudança histórica nas atuais formas de inserção internacional de seus Estados nacionais, bem como o

envolvimento crescente de antigos e novos elementos globais que participam, de forma interessada e crescente, da gestação do futuro da África. (SARAIVA, 2015)

Para Monié (2007), há que se reconhecer que o continente africano assiste a uma transição positiva para um novo patamar de inserção internacional. Basicamente, pode-se observar a elevação do *status* da África com relação ao avanço gradual dos processos de democratização dos regimes políticos e contenção dos conflitos armados. Observa-se também o crescimento econômico associado a performances macroeconômicas satisfatórias e alicerçadas na responsabilidade fiscal e na preocupação social. Por fim, mas não menos importante, destaca-se a elevação da autoconfiança das elites por meio de novas formas de renascimentos culturais e políticos.

A África vem superando a cada dia o drama histórico das guerras civis e internacionais. O número de países africanos com conflitos armados internos caiu de treze para cinco, nos últimos dez anos. Pode-se afirmar que os conflitos foram uma das causas imediatas ligadas à pobreza no continente. Com a redução dramática dos mesmos pode-se inferir que os recursos, quase da ordem de US\$ 300 bilhões gastos nos conflitos entre 1990 e 2005, podem agora ser dirigidos às políticas de redução da pobreza e da miséria. (SARAIVA, 2008)

As condições internacionais da passagem do século XX para o século atual foram extremamente favoráveis à inserção internacional da África. O continente já configura a continuidade de uma década de superação em comparação com as quatro décadas anteriores, de baixa continuidade econômica, fraturas na formação dos Estados nacionais e péssimos índices sociais. O crescimento econômico em ciclo recente trouxe, de certa forma, consistência estrutural à modernização daquele continente de 30 milhões de quilômetros quadrados, gerador de fato inédito na história recente dos jovens Estados africanos, nascidos do primeiro ciclo de independências no fim dos anos 1950 e início da década de 1960. (SARAIVA, 2015)

A economia africana é assunto de bastante interesse do mundo, a busca deste conhecimento tem motivações diversas, em boa parte ligadas aos atrasos no desenvolvimento socioeconômico e ao que isto representa na perda de oportunidades de um espaço com elevado potencial econômico e grande dinâmica cultural.

O primeiro dos grandes desafios está na baixa alternância de poder no continente. A perpetuação de governantes não é tema novo, mas ganha nova proporção na passagem da primeira para a segunda década do século XXI, mesmo em países relativamente estáveis, como Angola, em processo de desenvolvimento notável. Lamentáveis e preocupantes são os

casos da Guiné Equatorial e do Zimbábue. Há governantes no poder para além de vinte, trinta anos, sem abertura real a reformas democratizantes. Há eleições de fachada em vários países. (SARAIVA, 2015)

Outro grande desafio está no campo exclusivo das políticas públicas para manter e ampliar o ganho econômico dos últimos anos, advindos da quadra de maior crescimento econômico do capitalismo na história da África. Já se sabe que a África tenderá a seguir esse modesto modelo por muitos anos. Isso tem uma grande implicação nas políticas públicas africanas voltadas para o desenvolvimento sustentável e para a inclusão social. As novas demandas das sociedades africanas caminham, como do lado de cá do Atlântico Sul, para os temas da educação, combate à corrupção, políticas para as mulheres, meio ambiente, democratização de regimes políticos, entre outras. Isso requer recursos financeiros e humanos na África.

As diferenças de padrões pelo mundo são avassaladoras. Por exemplo, em 2009 a renda per capita da Noruega, segundo índices internacionais, era de 59300 dólares americanos, enquanto em muitos países da África era uma média de 300. Mesmo que os países mais ricos e desenvolvidos justifiquem esta diferença devido à ausência de produtividade, e à grande área desértica no continente, a resposta desta problemática é outra. Isto é, a discriminação que a África Subsaariana enfrenta no comércio e economia global. Assim, é claro, como de seus dirigentes corruptos que dilapidam a riqueza da nação.

Segundo Mankiw (2005), os cidadãos de países de renda elevada têm mais possibilidades de comprar comida, eletrodomésticos, educação dos filhos, lazer, maior expectativa de vida e melhor assistência médica do que os cidadãos de países de menor renda, como os da ASS.

Por fim pode-se notar que a África é um continente com pré-requisitos notáveis para sua expansão econômica, social e política mesmo que ainda muito arraigada ao seu passado de colônia. Após séculos sofrendo como fornecedor de mão de obra escrava é possível finalmente se observar um esboço das mudanças de atitudes e a presença, mesmo que discreta, de uma força nacional que tenta impulsionar o continente para se inserir definitivamente na economia e na política internacional.

3 LIBERDADE ECONÔMICA

O liberalismo é uma doutrina político-econômica e sistema doutrinário que acontece pela sua atitude de abertura e tolerância a vários níveis. De acordo com essa doutrina, o interesse comum requer o respeito pela liberdade cívica, econômica e da consciência dos cidadãos. Essa teoria vem dos fisiocratas, de Adam Smith e da teoria do livre cambismo (comércio livre, desenvolvida por eles). O liberalismo já esteve diretamente relacionado com o capitalismo e foi uma das bases do desenvolvimento econômico industrial do século XIX, principalmente da expansão econômica da Inglaterra em todo o mundo. (SMITH,1983)

O princípio da liberdade na vida econômica, chamado de liberalismo, nasceu primeiramente em ambiente de grandes desigualdades sociais (como consequência da falhada libertação do campesinato na Europa bem como as guerras napoleônicas e o rápido crescimento demográfico), e posteriormente teve uma forte dissipação através das doutrinas socialistas e comunistas, cujos movimentos se tornaram opositores do liberalismo bem mais fortes do que as correntes conservadoras e tradicionais.

O Liberalismo econômico consiste na ideia da liberdade para a economia, sendo ela livre do controle do Estado, por exemplo. O mercado econômico se auto regulamentaria ficando a cargo dos indivíduos grande parte das decisões econômicas.

Um dos princípios do liberalismo econômico é defender a liberdade da ação produtiva, com isso, as organizações teriam o direito de escolher quais produtos fabricar, assim como o trabalhadores de escolher para quem querem trabalhar e os consumidores seriam livres para consumir os produtos que quiserem. (SMITH, 1983)

A livre concorrência era incentivada e representaria um benefício para os consumidores e sociedade em geral, desde que seguisse os padrões éticos e morais previamente estabelecidos pela lei.

Segundo Sen (2010, p. 21), a liberdade de operar em certo segmento de mercado é “uma contribuição importante para o desenvolvimento”. Desta forma, a liberdade econômica é vista como uma das principais causas do desenvolvimento, independente dele ser humano ou econômico, impulsionando a formação e circulação de riquezas.

Para Oliveira (2005, p. 21) o desenvolvimento econômico é uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento humano. Sob outra visão, Gwartney (2012, p.166) diz que a liberdade econômica nada mais é que a valorização de outras liberdades, como o direito de propriedade, liberdade comercial, liberdade fiscal, dentre outras. O economista indiano Amartya Sen,

ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1988, faz uma abordagem diferente em seu livro sobre o tema. Para ele, a ampliação da liberdade é o meio principal para se alcançar um alto índice de desenvolvimentos econômico e humano. Isto é, para ele, o interessante seria eliminar o ‘que priva a liberdade’. Como por exemplo: a falta de acesso à educação, saúde, ou de fazer parte de um mercado.

De acordo com as teorias de North em seu livro sobre as “Nações que Fracassam”, firma o entendimento de que as instituições desempenham o papel de conexão entre o individual e o coletivo, ao restringir e limitar o comportamento humano em uma sociedade, reduzindo as incertezas. Essas instituições, por sua vez, estão muito longe de promover um belo resultado como descrito pela teoria neoclássica.

Ao formular sua concepção institucionalista, North procura também combinar uma teoria da conduta humana com uma teoria dos custos de negociação. Desta forma, as limitações na racionalidade humana, refletidas numa baixa capacidade de processar, utilizar e organizar informações, consideradas junto às incertezas próprias da "ignorância" do meio, resulta a existência de custos de transação positivos.

O desenvolvimento de instituições econômicas inclusivas, por sua vez, depende do surgimento de instituições políticas igualmente inclusivas. Os autores definem instituições políticas inclusivas como tais que promovem a pluralidade e a centralização política. Ou seja, as instituições políticas serão inclusivas se atenderem a um amplo conjunto de diferentes interesses e representarem uma vasta diversidade de atores políticos. A Inglaterra do Século XIX é um exemplo de organização institucional política inclusiva, uma vez que o Estado designava direitos a um grande grupo de indivíduos e várias coalizões estavam envolvidas no jogo político. (ACEMOGLU. 1990)

Sen (2010) ainda afirma: “existem cinco liberdades instrumentais: oportunidade social, facilidades econômicas, garantia de transparência, segurança protetora e liberdades políticas; que se inter-relacionam promovendo o desenvolvimento como um todo. (p. 21)” De acordo com o autor, facilidades econômicas “são as oportunidades que os indivíduos têm para utilizar recursos econômicos com os propósitos de consumo, produção ou troca”. (p. 59)

Botswana, na época da sua independência da Inglaterra em 1966, era um dos países mais pobres do mundo, dependendo fortemente de *commodities* e com cerca de 70% do seu território ocupado pelo deserto de Kalahari, Botswana é um país que surpreende a economia mundial a cada ano, sendo capaz de multiplicar seu PIB per capita em mais de dez vezes entre 1980 e 2015. (PENA, 2011)

Botswana foi abençoado com vastas reservas de diamantes e imensas áreas de deserto virgem, onde grandes felinos andam livres. E é ainda o país que tem mais elefantes no mundo. Tudo isso ajudou o país a, em apenas 50 anos, aumentar em mais de 100 vezes sua renda per capita, desenvolvendo setores como a mineração e o ecoturismo. (WENDE, 2016)

3.1 LIBERDADE ECONÔMICA X FACILIDADE ECONÔMICA

O PIB (Produto Interno Bruto) *per capita* não é considerado um índice estatístico suficiente para medir o desenvolvimento efetivo de um país. Porém, não se pode negar que o desenvolvimento econômico tem um papel fundamental no desenvolvimento humano. Sen (2010) comenta: “A privação de liberdade econômica pode gerar privação de liberdade social, assim como a privação de liberdade social ou política pode, da mesma forma gerar privação de liberdade econômica” (p. 23). Então, desta forma, entende-se que o direito de participação do mercado é uma forma de liberdade, pois, a população pode trabalhar, sustentar-se, gerar renda e obter capacidades.

Por exemplo, Miller *et al*, no Índice de Liberdade Econômica de 2009, falam sobre a melhoria dos níveis educacionais e de saúde, que podem levar a um aumento de renda:

Um governo que limita seu envolvimento em atividade econômica consistente com estes princípios, maximiza oportunidades para que os indivíduos alcancem seu potencial econômico pleno e promova altos níveis de prosperidade e bem-estar humano na sociedade como um todo. (p. 282)

Para mensurar a liberdade econômica, a Fundação *Haritage*, defende que o desenvolvimento humano está interligado ao desempenho econômico. Desta forma, atualizam o índice afirmando que quanto maior o PIB *per capita*, maior o IDH. Portanto, associam a liberdade econômica com a aceleração do progresso social e econômico. Atualmente, Botswana encontra-se em 34º no *ranking* da Fundação. Já esteve em primeiro lugar da África Subsaariana, perdendo hoje para Maurício.

4 NEPAD, DEMOCRACIA E GOVERNANÇA

Os aspectos relativos à democracia e à governança política ganharam relevo na Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD). Reconheceu-se que o desenvolvimento não seria possível na ausência de uma democracia completa, a qual respeitasse os direitos humanos, a paz e o bom governo. A NEPAD assume o respeito aos padrões mundiais da democracia e afiança o pluralismo político. Reconhece a necessidade de sistemas multipartidários e dos sindicatos, bem como a organização periódica de eleições abertas e democráticas. Bem sabem aqueles que militam nos estudos das instituições políticas africanas, dentro e fora da África, o quanto esse desafio é ainda longínquo nas paragens continentais, muito embora desejada por tantos africanos, do povo e da elite. (SARAIVA, 2015)

Os objetivos da NEPAD consistem em:

- Crescimento econômico de 7% anual durante quinze anos;
- Redução pela metade da taxa de pobreza absoluta até 2015;
- Matrícula de todas as crianças nas escolas no mesmo período;
- Serviços administrativos e civis;
- Fortalecimento do controle parlamentar; promoção da participação na tomada de decisões;
- Adoção de medidas para combater a corrupção e a apropriação indevida de bens públicos;
- Reformas judiciais;
- A formação de equipes de trabalho dos ministérios das Finanças e dos bancos centrais dos países africanos, com responsabilidade e autonomia para a revisão das práticas nas áreas da economia e da governança corporativa, com a tarefa específica de sugerir formulações e recomendações acerca de padrões e códigos apropriados aos setores público e privado;
- A apresentação dessas recomendações ao Comitê de Implantação, constituído pelos chefes de Estado;
- A gestão das finanças públicas e a avaliação dos países caso a caso. (NEPAD.ORG)

Existe uma mobilização de recursos a cargo do Comitê de Implantação, no sentido da promoção de talentos aptos ao exercício da boa governança, por meio de estruturas sub-

regionais e regionais existentes, de forma a racionalizar custos e aproveitar a capacidade instalada de organizações já em funcionamento. Essas ações têm um objetivo claro nas concepções que emanam dos formuladores da NEPAD: reduzir o fosso existente entre a África e os países desenvolvidos, a fim de melhorar a capacidade do continente de competir internacionalmente e permitir sua participação no processo de globalização. (SARAIVA, 2015)

Há ainda problemas políticos: o Partido Democrático de Botswana (BDP), no poder desde a independência, está perdendo sua popularidade. Críticos do governo falam em atitudes autoritárias e de perseguição a jornalistas que investigam denúncias de corrupção.

Botswana tem despesas militares elevadas (de aproximadamente 4% do PIB em 2004, e alguns críticos consideram estes gastos desnecessários, dado a probabilidade baixa de conflito internacional ou mesmo nacional; entretanto, o governo do Botswana emprega suas tropas em operações multilaterais de auxílio. (FMI, 2007)

5 LIBERDADE ECONÔMICA APLICADA EM BOTSWANA E RESULTADOS

Quando pensa-se sobre um país africano, próximo da África de Sul, sem acesso a nenhum oceano, com um dos maiores ecossistemas do mundo e que teve sua independência alcançada apenas 1966, não é muito fácil vislumbrar que este país se encontra em pleno crescimento e com índices melhores que muitos outros países no mundo.

Botsuana é um país da África subsaariana que vem surpreendendo. Apesar de ser uma nação considerada pobre, possui um governo e uma classe empresarial honestos. Diferentemente de outros países do continente, desde 1966 ele rompeu a barreira da ‘corrupção sistêmica tradicional’.

Entretanto, não se traça o futuro da África apenas de fora para dentro. Os africanos estão reivindicando e construindo autonomia decisória. Buscam soluções nacionais para seus desafios na área social e da cidadania. O controle do Estado e sua orientação para o crescimento econômico e o desenvolvimento sustentável são a boa novidade no continente. (SARAIVA, 2015)

O encerramento do grande ciclo dos conflitos abertos e militarizados internos é exemplo da vontade política africana nova de renascer e orientar as energias para projetos mais produtivos. Os africanos engajaram-se nos programas voltados para as metas do milênio, as quais são voltadas para o desenvolvimento dos países e erradicação da pobreza ao redor do mundo.

Estes objetivos – também conhecidos como Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) – foram acordados na Assembleia do Milênio, realizada em setembro do ano 2000 pela ONU, partem do pressuposto de que já possuímos conhecimento o suficiente para combater as mazelas enfrentadas pelas nações mais pobres e almejavam alcançar estas metas até o ano de 2015.

Apesar de não terem sido completamente resolvidos, nem aplicados na escala desejável, não podemos negar que alguns avanços foram conquistados. Dito isso, é válido conhecer as 8 metas do milênio estabelecidas pela ONU. São elas:

- Acabar com a fome e a extrema miséria.
- Garantir o acesso ao ensino básico para todos.
- Garantir a igualdade de gênero e assegurar o respeito a autonomia das mulheres.
- Minimizar a mortalidade infantil.

- Aumentar as condições de saúde materna.
- Combater grandes doenças e epidemias, tais como o HIV/AIDS, a malária, etc.
- Garantir sustentabilidade e respeito ao meio ambiente.
- Criar uma rede de parceria a nível mundial para auxiliar o desenvolvimento.

Entretanto, para alcançar estes objetivos algumas mudanças se fazem necessárias. Administrar, de dentro para fora, as ambições internacionais geradas pelos planos estratégicos emergentes exigirá dos africanos uma noção de domesticação da internacionalização da economia, pela via do fortalecimento do Estado democrático e da responsabilidade fiscal e macroeconômica mais ampla. Esse quadro também exigirá das lideranças africanas a capacidade de reduzir tendências pragmáticas e danosas que caminham juntas com a ambição política.

Por ora, quando se trata do setor financeiro do país, entende-se que está bem desenvolvido, com um Banco Central independente e pouca intervenção governamental. O poder judicial independente proporciona uma forte proteção dos direitos de propriedade.

Em um esforço para diminuir a dependência da produção de diamantes, o governo instituiu taxas competitivas de imposto corporativo, simplificou o processo de inscrição para empreendimentos comerciais e comprometeu-se a aumentar a transparência.

O Partido Democrata de Botswana (BDP) governou esta democracia multipartidária desde a independência da Grã-Bretanha, em 1966. As eleições mais recentes, realizadas em 2014, foram as mais competitivas da história do país. O presidente Ian Khama ganhou um segundo mandato em outubro de 2014, embora o BDP pela primeira vez tenha ganhado menos de 50% dos votos quando os grupos da oposição obtiveram apoio significativo dos eleitores jovens e urbanos da classe média. (WENDE, 2016)

Botswana e os EUA cooperam estreitamente em questões militares e estão em negociações desde 2016 para que Botswana hospede um aeródromo militar dos EUA (para drones). Botswana tem abundantes recursos naturais, uma economia orientada para o mercado e uma das maiores classificações de crédito soberano da África. Na tentativa de diversificar a economia através do turismo, Botswana se concentra na conservação e no desenvolvimento de suas extensas reservas naturais. Setor no qual tem se destacado nos últimos anos. (CORRÊA, 2010)

A proteção dos direitos de propriedade no Botswana está entre as melhores da região. O governo geralmente respeita a independência judicial, mas devido a uma grave falta de pessoal e a uma falta de processos, os tribunais não fornecem julgamentos oportunos. O movimento *Transparency International*, junto com o *Fraser Institute*, mostra que além do

Botswana ser classificado como o segundo país mais livre economicamente da África Subsaariana, experimentando taxas até 15 vezes maiores que seus vizinhos. Mais do que isso, o Botswana é classificado como o país menos corrupto do continente africano, embora quase não existam restrições sobre as atividades comerciais privadas dos servidores públicos.

Ainda utilizando dados destes institutos, verificando esta diferença entre Botswana e Ilhas Maurício, entende-se que a mudança se deu pelas reformas realizadas pelo segundo, a partir de 2009 – e não por uma queda na qualidade da gestão econômica de Botswana. Seu governo tem uma tradição de respeito à propriedade privada e tem sido bastante eficiente na burocracia e simplificação do sistema tributário. A democracia sempre foi respeitada e, desde sua ‘libertação’ dos colonizadores, o Estado nunca sofreu golpes militares.

Todos estes bons indicadores de liberdade econômica, boa política e boas colocações em índices de prosperidade, como por exemplo, é informado pelo *Legatum Institute*, colocando o país em 2º lugar do continente africano no ranking de países prósperos de 2016. Isso inclui uma análise sobre a qualidade econômica, meio ambiente, governo, educação, saúde, segurança e, também, liberdade pessoal. Vale ressaltar que em 2013, pelo mesmo instituto, Botswana era o único país africano a ter altos índices de tolerância e liberdade social entre 142 países analisados.

Na análise individual do país, realizada pelo *Heritage Institute* em 2016, a maior taxa de imposto sobre o rendimento pessoal foi de 25% e a taxa máxima de imposto sobre as sociedades de 22%. Outros impostos incluem um imposto de propriedade, um imposto de herança e um imposto de valor agregado. Já a carga tributária global equivale a 34,4% da renda doméstica total. Por fim, as despesas governamentais totalizaram 36% da produção total (PIB) nos últimos três anos, e os excedentes orçamentários atingiram a média de 2,1% do PIB, ficando a dívida pública equivalente a 17,8% do PIB.

Observa-se que o ambiente regulatório protege a liberdade geral para estabelecer e gerir um negócio relativamente bem. Um balcão único para empresários está em vigor e o processo de fechamento de negócios tornou-se fácil e direto. Os regulamentos de emprego são relativamente flexíveis. Um dos objetivos do projeto de orçamento 2016-2017 é a contenção de subsídios e transferências para empresas estatais, mas o progresso tem sido lento. (CORRÊA, 2010)

O comércio é importante para a economia de Botswana: o valor das exportações e importações tomadas em conjunto equivale a 99% do PIB. A tarifa média aplicada é de 0,6%. As empresas estatais distorcem a economia e os investimentos estrangeiros em alguns setores são restritos. Em geral, aderindo aos padrões globais na

transparência da supervisão bancária, o setor financeiro oferece um considerável acesso ao crédito e se expandiu.

De acordo com John Mc Millan (2005):

Duas medidas da dependência de um país com relação aos mercados são sua abertura ao comércio internacional e o grau de desenvolvimento de seus mercados financeiros. Grandes barreiras ao comércio significam intervenção governamental no funcionamento cotidiano da economia. A proibição de comércio além-fronteiras significa não deixar os mercados operarem plenamente. Os sinais de preços são distorcidos, de modo que os investimentos dirigem-se a áreas não produtivas, tais como projetos intensivos em capital em países onde ele é escasso. A ausência de concorrência externa significa que as firmas podem ser monopolistas preguiçosas, não sendo obrigadas a se manterem enxutas para sobreviver. (p. 217)

Contudo, a existência de recursos naturais por si só não explica o sucesso da economia viva de Botsuana. Foi através da presença de uma gestão cuidadosa levada a cabo por seus governantes que o país evitou a chamada "maldição dos recursos", em que a falta de governança resultou em desperdício de riqueza mineral, como no caso da Nigéria e o petróleo, por exemplo (SANTOS, 2018). Políticos priorizaram o desenvolvimento e usaram a ajuda financeira internacional e as receitas das vendas de diamantes para investir fortemente em políticas de saúde e educação.

Graças a esta particularidade na administração dos recursos botsuanos, houve uma queda grande na pobreza, ainda que a carência afete um em cada cinco habitantes do país. Este dado é alarmante, visto que a população total é de pouco mais de 2 milhões de pessoas. (SANTOS, 2018)

Apesar dos altos índices de pobreza – mesmo que estes sejam promissores - as taxas de alfabetização são altas e o índice de comparecimento à escola primária até 13 anos é de quase 90%. (SANTOS, 2018)

Algumas tendências recentes ilustram a complexidade das relações da África com o resto do mundo. Em Botswana é possível observar tentativa da diversificação dos fluxos comerciais, constituição de novas redes político-econômicas, dinamismo nos sistemas migratórios e participação dos representantes das culturas africanas na indústria e na cultura global. (MEDEIROS, 2013)

Botswana atualmente conta com quatro *fronts* econômicos de peso. O turismo é uma atividade muito importante no país e representa cerca de 12% do seu PIB. Consideremos que um dos maiores ecossistemas do mundo, no Delta do Okavango, é um destino procurado pelo mundo todo há muitos anos. (MEDEIROS, 2013)

O segundo *front* de investimento do país está nas suas jazidas de diamante. Apesar de grandes críticas ao uso desse recurso, foi com auxílio do mesmo que Botswana pode erguer e

diversificar sua produção industrial. Os governantes inicialmente se utilizaram dos investimentos realizados no extrativismo de diamantes para arrecadar recursos e investir no próprio país. (SARAIVA, 2015)

O terceiro *front* econômico é a indústria, o qual ainda não está tão desenvolvido. Botswana é bastante diversificada na sua produção, se diferenciando de toda África, nesse sentido. Ele é um dos maiores produtores de baterias para carros de luxo. Contudo, apesar de saber que o crescimento da indústria é essencial ao crescimento do país, Botswana ainda se vê presa a alguns modelos pré-colonialistas dificilmente extinguíveis. (SARAIVA, 2015)

O quarto e último *front* econômico está na extração de petróleo. Não é um investimento tão forte, visto que a geografia do país não contribui para a exploração desse recurso, contudo faz parte da receita do país. (SARAIVA, 2015)

O PIB do país em 1998 girava em torno de US\$ 4,9 bilhões. Já em 2007 sofreu uma evolução absurda, chegando a 24,14 bilhões. A composição do PIB, atualmente, está definida em:

- Agricultura: 1,6%;
- Indústria, incluindo a mineração: 51,5%;
- Comércio e serviços: 46,9%. (MEDEIROS, 2013)

De 2006 para 2007 o PIB de Botswana cresceu 4,7%. Para os índices de crescimento do país isto representa um crescimento baixo, contudo ainda assim esse crescimento foi maior que em muitos outros países emergentes. (MEDEIROS, 2013)

Ao observarmos a progressão do crescimento botsuano ao longo dos anos, a magnitude dos avanços fica muito clara: de 1998 para 2007 houve um aumento de aproximadamente US\$ 14.700 na renda per capita. (MEDEIROS, 2013)

Segundo dados do FMI, o país possui 1 milhão de pessoas como força de trabalho, sendo que destes, 288.400 pessoas estão no setor formal.

Todos esses fatores foram imprescindíveis para que a economia crescesse a cada ano, a despeito da crise mundial. O país conseguiu se estabelecer como emergente perante a economia global e se apresenta hoje como uma verdadeira potência africana.

De 1960 a 1990 alguns países se destacaram em questão de taxas anuais per capita, com um crescimento de 6% ou mais. Isto significa que, basicamente, a renda da população dobrou a cada 12 anos. Destes, apenas um encontra-se na África: Botswana. Os outros, Hong Kong, Coreia do Sul, Cingapura e Taiwan, são chamados de tigres asiáticos.

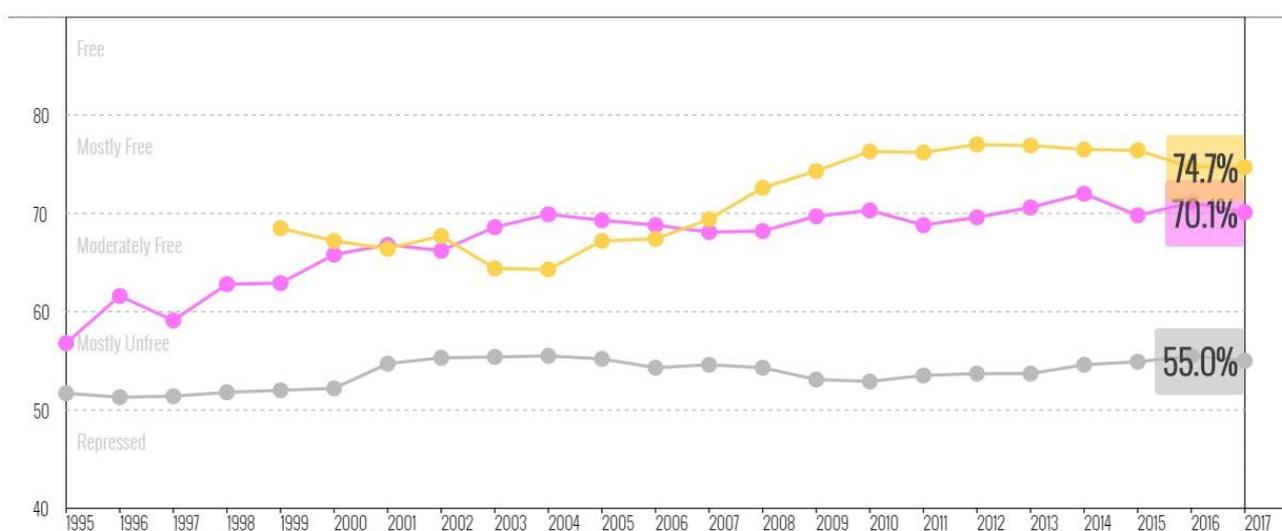
No ano 2000, a renda *per capita* de Botswana era sete vezes maior do que a média da África Subsaariana. Segundo McMillan (2009, p. 217), o país teve a sorte de possuir minas de

diamantes; mas não foi apenas sorte, pois outros países ricos em minerais não conseguiram crescer.

Para a Fundação *Heritage*, segundo os índices de 2017, referentes ao ano de 2016, o Botswana encontra-se recuperado da crise econômica global de 2008. Entende-se que a boa gestão das finanças públicas resultou em superávits orçamentários nos últimos anos. O ambiente regulatório incentiva o crescimento e a abertura ao investimento e ao comércio estrangeiro promove competitividade e resiliência.

No gráfico abaixo, há uma comparação da liberdade econômica entre África Subsaariana (cinza), Botswana (rosa) e Maurício (amarelo). Desde 1999 quando Maurício começou a ser analisada, os índices eram maiores ou similares ao de Botswana, e desde 2007, vem sendo o primeiro da região no *ranking*. Porém, mesmo em segundo lugar, a diferença do país para o índice geral da África Subsaariana é, em média, de 15%.

Figura 3 – Gráfico comparativo de liberdade econômica

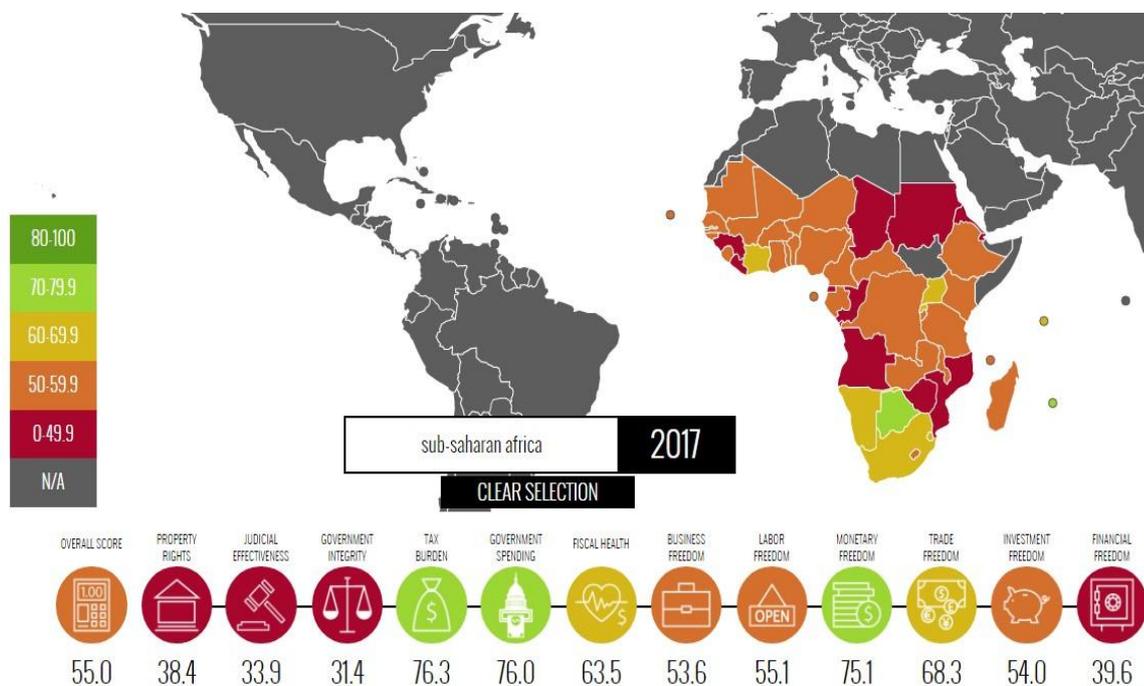


Fonte: *The Heritage Foundation*, 2017.

Abaixo, na Figura 4, está representada a ASS como um todo (incluindo a Botswana). Primeiramente podemos observar que somente Botswana e as Ilhas Maurício encontram-se na

escala de Liberdade Econômica de 70-79.9 (em verde claro). Entende-se que esta liberdade é uma das principais causas deste crescimento até 15 vezes maior do Produto Interno Bruto Real, em relação ao restante do continente.

Figura 4 - Sub-saharan Africa Heat Map



Fonte: *The Heritage Foundation. Sub-saharan Africa Heat Map, 2017.*

5.1 BOTSWANA, ZIMBÁBU E BRASIL: UMA BREVE COMPARAÇÃO PARA ENTENDIMENTO DO CRESCIMENTO

O Zimbábue é situado na porção sudeste do continente africano e não possui saída para o mar tem sua extensão territorial 390.759 km². Limita-se com Moçambique (a nordeste e a leste), África do Sul (ao sul), Botswana (a sudoeste e a oeste) e Zâmbia (ao norte e a noroeste). (COLTART,2008)

A principal atividade econômica ainda é a agricultura sendo os principais produtos cultivados: milho, tabaco, algodão, café, cana-de-açúcar. Ficou tradicionalmente conhecido como o terceiro maior produtor de tabaco e o celeiro para seus países vizinhos, freqüentemente obrigados a importar comida. Outra importante atividade econômica também é a mineração, pois o país possui grandes reservas de ouro, níquel, amianto.

A economia do país tem sofrido a partir de um programa adotado pelo governo, em 2002, que perseguia e expulsava fazendeiros brancos do país ocasionando na iminente queda das exportações. (COLTART 2008)

Um governo de coalizão, que acabou em 2013 com a reeleição do presidente Robert Mugabe, ajudou a estabilizar a economia, mas ainda há grandes desafios. A hiperinflação então destruiu a economia e arrasou seu setor produtivo. Foi feita uma medida para retomada e estabilização que congelou os preços ocasionando no desabastecimento e fortalecimento do mercado negro e prisão de comerciantes contrários a medida. (COLTART,2008)

Em 2003 Botswana anunciou que faria uma cerca eletrificada na fronteira com Zimbábue com o pretexto de evitar a contaminação de seus rebanhos bovinos pela infectuosa febre aftosa; que já havia lhes prejudicado economicamente em um desses episódios de importação.

Pretexto que também servira para evitar a passagem de imigrantes ilegais, que vinham em busca de condições de vidas melhores, fugindo dos problemas econômicos, falta de emprego, doenças etc.

Desta forma além de barreira sanitária imposta pelo governo Botswano também se observa a divisão social, que de um lado há uma nação mais desenvolvida e de outro miseráveis.

Apesar desse potencial econômico de vasto território fértil, a nação sofre com diversos problemas sociais e políticos. A maioria da população ainda vive abaixo da linha de pobreza, com menos de 1,25 dólares por dia e mais de 40% dos zimbabuanos são subnutridos.

De acordo com relatório divulgado em 2010 pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Zimbábue é de apenas 0,140, tendo a pior média entre os 169 países que compõem o ranking mundial.

De acordo com análise feita o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): 0,140 de Zimbábue e o Produto Interno Bruto (PIB): 3,4 bilhões de dólares e PIB per capita: 324 dólares. (COLTART.2008)

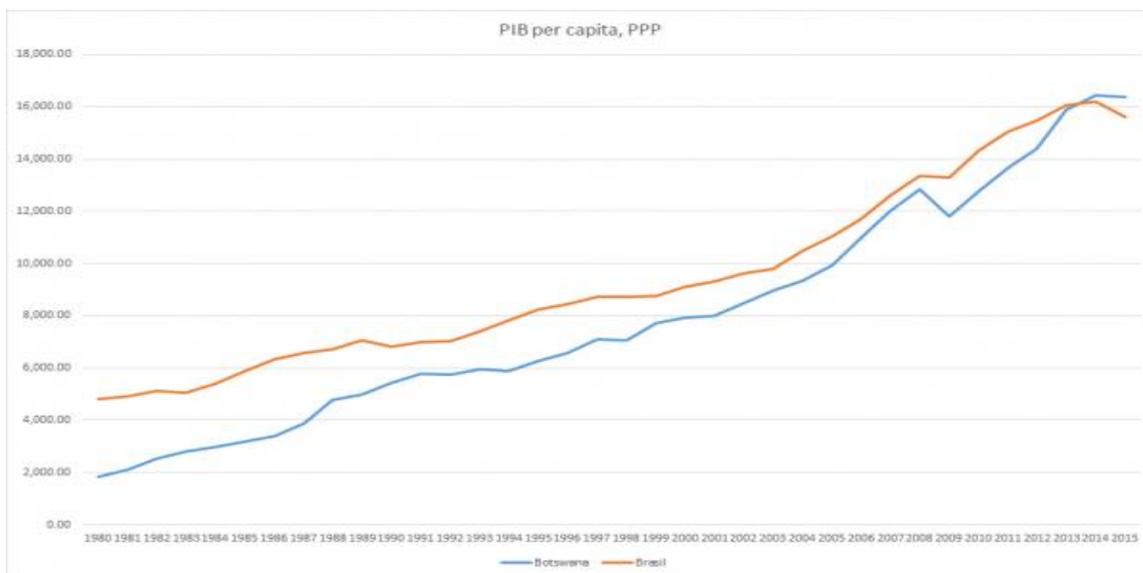
Botswana e Zimbábue possuem muitas discrepâncias econômicas políticas e sociais como observado o que impressiona ainda os índices que o país de estudo conseguiu alcançar.

Atualmente o PIB per capita de Botswana também é maior que o do Brasil. Porém, em 1980 nosso PIB per capita era quase três vezes maior que o de Botswana. Estes números mostram de maneira objetiva o quanto esse país evoluiu em tão pouco tempo, quando comparados ao nosso próprio crescimento. (ELLERY, 2017)

A África, em sua vontade de elevação da autonomia, voltou a olhar para o Brasil. O Brasil passou a ser visto como espelho em movimento: uma referência de um país que, um dia colônia, teria construído algo novo na cultura e nas possibilidades de sua economia, de forma diferente dos modelos europeus e asiáticos de independência. O Brasil passou a apreciar, pelo menos em certos setores sociais e políticos, ser um espelho para algumas políticas africanas, tanto no campo social, quanto nas formas de inclusão democrática. (SARAIVA, 2015)

Abaixo segue em gráfico comparativo entre os PIB *per capita* de Botswana e do Brasil. Neste gráfico é possível visualizar que a partir do ano de 2002 o PIB *per capita* de Botswana ultrapassou o PIB *per capita* brasileiro.

Figura 5 – Gráfico comparativo de PIB *per capita* (Botsuana x Brasil).



Fonte: Instituto liberal¹

Isso ocorreu, provavelmente, devido aos esforços internos e aos investimentos realizados na melhoria dos índices do país. Com essas ações Botswana foi capaz de crescer e ultrapassar os índices brasileiros.

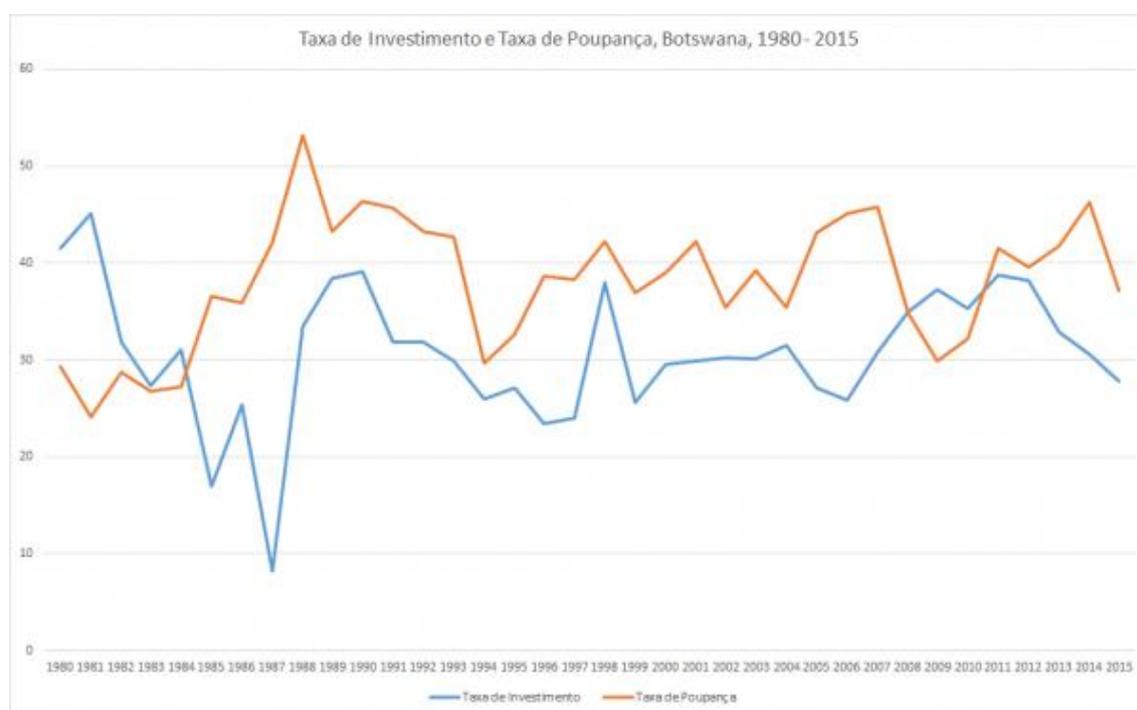
Uma característica comum entre Botswana e os países da Ásia que tiveram um excepcional desempenho econômico são as altas taxas de poupança e investimento. Tomando as médias de 1980 a 2015, nossas taxas de poupança e investimento foram respectivamente de 17,7% e 20%, em Botswana, no mesmo período, as taxas foram de 38,1% e 30,8%. (CONSTANTINO, 2016)

¹ <https://www.institutoliberal.org.br/blog/brasil-vai-mal-mas-e-botswana/> - Acessado em março/2018

No Brasil acontece o contrário: por via de regra a taxa de poupança é menor que a taxa de investimento. Isso significa que, além de poucos investimentos, o Brasil ainda tem que financiar parte do investimento realizado pelo resto do mundo. Não que o financiamento externo seja um problema, mas é uma característica que deve ser considerada quando analisamos o Brasil, principalmente pela questão da desvalorização cambial. (CONSTANTINO, 2016)

Abaixo seguem os gráficos referentes à taxa de investimento e poupança no Brasil e em Botswana.

Figura 6 – Taxa de investimento e taxa de poupança em Botswana



Fonte: Instituto Liberal²

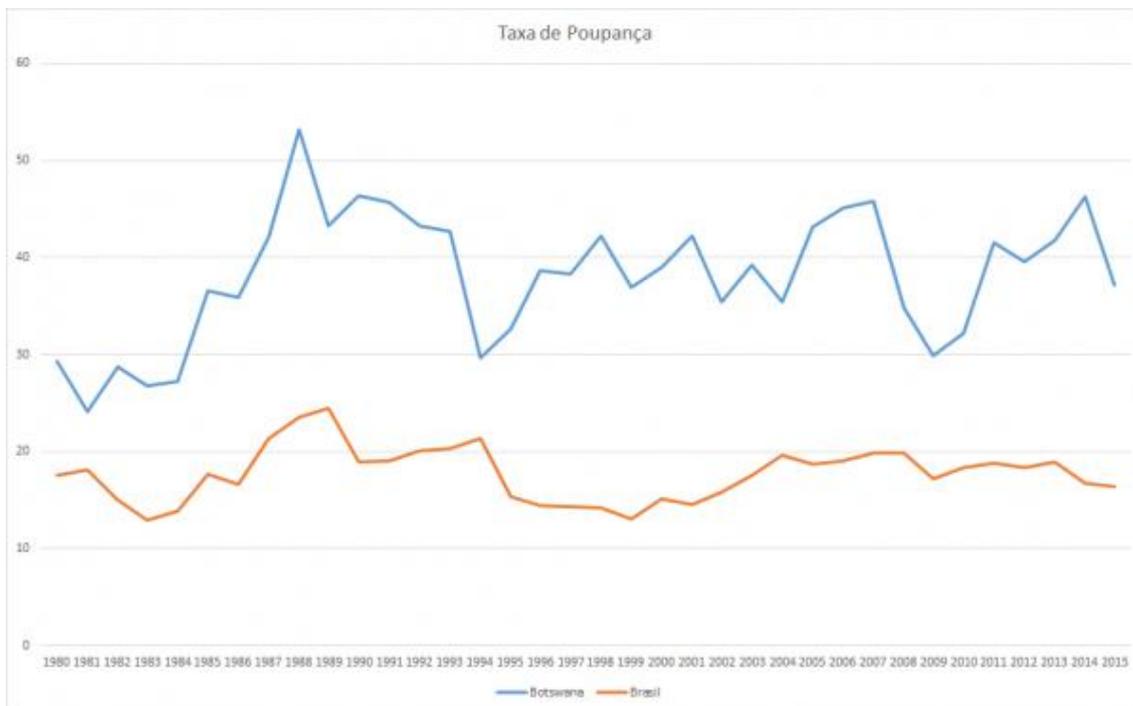
Figura 7 – Taxa de investimento (Botswana x Brasil)

² *Idem*



Fonte: Instituto Liberal³

Figura 8 – Taxa de poupança (Botswana x Brasil)



Fonte: Instituto Liberal⁴

Traçando-se um paralelo em relação a esses três gráficos acima, pode-se inferir que a estratégia de ter uma taxa de poupança maior que a taxa de investimento é um bom caminho

³ *Ibidem*

⁴ *Ibidem*

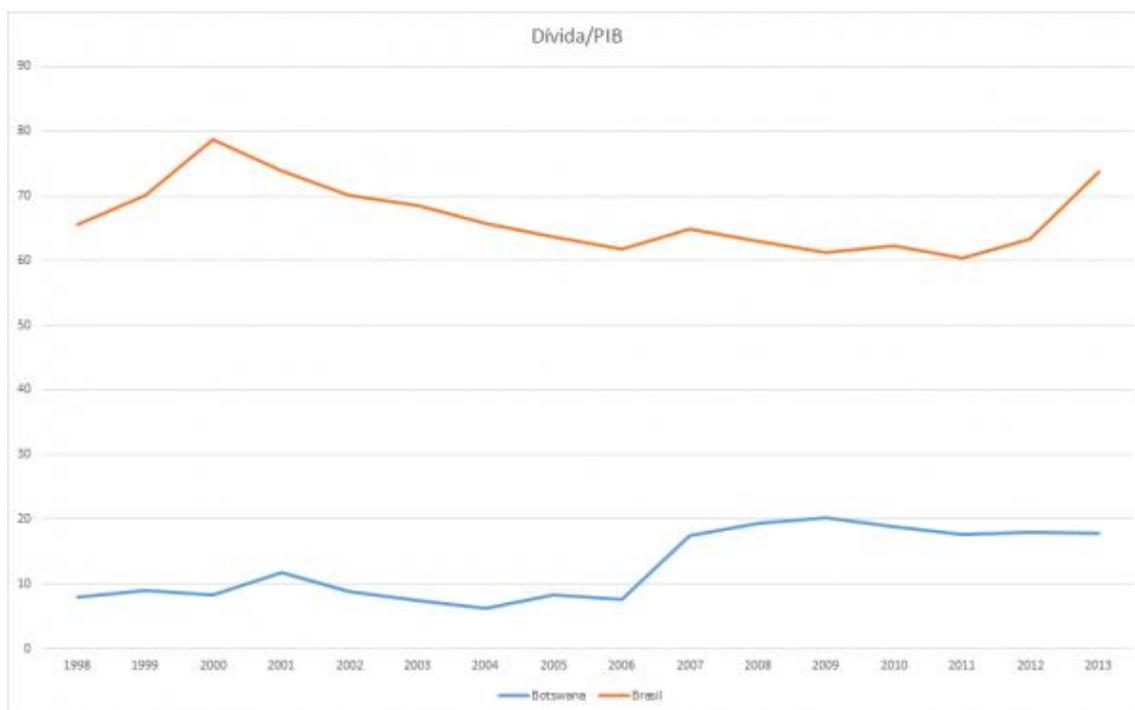
para a melhoria do PIB de um país, visto que nesse aspecto Botswana se encontra bem à frente do Brasil.

Comparada ao Brasil, no período de 1998 a 2015, a dívida pública de Botswana é baixa. Entretanto temos acesso apenas aos anos seguintes a 1998, pois os dados anteriores a este ano não estão disponíveis na base do FMI. (CONSTANTINO, 2016)

Observa-se também que o maior valor da dívida como proporção do PIB, alcançado em 2011, foi de 20,3%. Em 2015, já havia caído para 17,8%. No mesmo período o maior valor no Brasil foi de 78,8% em 2002, depois disso começou uma trajetória de queda até chegar no mínimo de 60,4% em 2013. A partir deste ponto a dívida voltou a subir, de forma que em 2015 já alcançava 73,4% do PIB, quase mesmo valor de 2013. (CONSTANTINO, 2016)

Segue abaixo o gráfico 5, que representa a flutuação da dívida pública de forma comparativa entre Brasil e Botswana.

Figura 9 – Dívida/PIB (Botswana x Brasil)



Fonte: Instituto Liberal⁵

Tem mais uma característica de Botswana que diferencia o país africano do Brasil. De acordo com o ranking de liberdade econômica da *Heritage Foundation* Botswana é considerada uma economia majoritariamente livre, enquanto o Brasil é considerado uma

⁵ *Ibidem*

economia majoritariamente não livre. No ranking geral o Brasil está na 122ª posição, enquanto Botswana está na 30ª posição.

O Índice de Liberdade Econômica (*Index of Economic Freedom*) é uma classificação que avalia o grau de liberdade econômica de 186 países. Criado em 1995 através de uma parceria entre o *The Wall Street Journal* e o *think tank* conservador norte-americano conhecido como *Heritage Foundation*, o índice considera doze categorias de "liberdade econômica": nos negócios; no comércio; liberdade fiscal; de intervenção do governo; monetária; de investimentos; financeira; de corrupção; do trabalho e direitos de propriedade.

Os países são avaliados em quatro categorias principais, e cada uma contém três subcategorias:

Estado de Direito - Direitos de Propriedade, integridade de governo, eficiência judicial.

Tamanho do governo - Gastos do governo, carga tributária, saúde fiscal.

Eficiência Regulatória - Liberdade comercial, liberdade de trabalho, liberdade monetária.

Mercados Abertos - Liberdade de comércio exterior, liberdade de investimento, liberdade financeira.

Todos os critérios têm o mesmo peso no cálculo final do índice, que considera uma escala de 0 a 100. Com base nesse resultado, a *Heritage* divide os países em quatro categorias principais: Livres (acima de 80 pontos), Majoritariamente Livres (de 70 a 79,9 pontos), Moderadamente Livres (de 60 a 69,9 pontos), Majoritariamente Não-Livres (de 50 a 59,9 pontos) e Reprimidos (menos de 49,9 pontos).

Vale registrar que em 1995 as duas economias eram consideradas majoritariamente não livres. De lá para cá, os dois países ficaram mais livres, porém Botswana parece ter ido mais fundo nas reformas liberalizantes, de forma que, hoje, Botswana ganha do Brasil em todos os quesitos do índice.



Fonte: Instituto Liberal⁶

Existem questões culturais, demográficas e econômicas que conseguem explicar o ocorrido, entretanto não deixa de chamar atenção que um país coberto por um deserto, exportador de *commodities*, mas que poupa mais do que investe (ao mesmo tempo em que investe mais e poupa mais que o Brasil) e que tem uma economia bem mais livre que a nossa, conseguiu sair de uma situação de pobreza e alcançar uma posição de renda média. São dados inquietantes, visto que neste mesmo período de tempo não saímos da renda média. Também vale registrar que a combinação entre investir muito, poupar mais ainda e dar mais liberdade econômica é comum em várias experiências de sucesso econômico.

⁶ Ibidem

CONCLUSÃO

Com base nos dados levantados pela pesquisa do presente trabalho chega-se a conclusão de que os altos índices de desenvolvimento apresentados por Botswana, desde sua independência até os dias de hoje, estão diretamente relacionados com a liberdade econômica garantida pelas políticas adotadas neste país.

A progressão histórica do país apresenta claramente a capacidade de desenvolvimento de um país explorado durante muito tempo para reerguer-se a partir de políticas econômicas que prezam pela liberdade do setor privado e quase erradicação dos níveis de corrupção apresentados pelos governos eleitos democraticamente em Botswana.

Esses acertos levaram a um modelo de governo que soube explorar as riquezas naturais e minerais do país em prol de seu próprio crescimento, criando um modelo de gestão focado em poupar mais do que investir e proporcionar mais liberdade econômica.

Observa-se que este tipo de postura é comum em exemplos de sucesso em economias ao redor do globo. Os botsuanos foram capazes de eleger governantes que apoiaram pessoas e respeitaram suas liberdades individuais e também foram capazes de utilizar suas próprias riquezas para reconstruírem-se enquanto nação, sempre de modo sensato e promissor.

Os benefícios revelam-se em todos os setores do país: a educação básica e as redes de estradas públicas são eficientes, os níveis de criminalidade diminuem cada vez mais e a saúde já consegue começar a reverter os problemas enfrentados pela epidemia de HIV em um passado recente, aumentando significativamente a qualidade e expectativa de vida das pessoas. Isso tudo são exemplos concretos dos benefícios colhidos pelo povo botsuano e que os levaram aos altos índices de desenvolvimento apresentados atualmente.

Quando o governo e o setor privado buscam juntos por um futuro de desenvolvimento, o resultado costuma ser promissor. Não é à toa que Botswana tem um dos menores tributos, tanto corporativos, quanto individuais, e direitos de propriedade privada muito bem definidos.

Portanto, conclue-se que para que o continente africano continue se desenvolvendo seria interessante aprender com o exemplo da Botswana e continuar promovendo reformas sociais e econômicas capazes de explorar suas vastas riquezas e potenciais econômicos, proporcionando liberdade comercial e políticas sensatas que possam converter todos estes recursos em desenvolvimento verdadeiro para seus países.

Afinal de contas, foram estes fatores que levaram os indivíduos ao sucesso e assim, conseqüentemente, sua nação como um todo também foi capaz de prosperar junta. Este é, sem dúvidas, um exemplo que vale a pena ser repetido em diversos países subdesenvolvidos.

REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. **Por Que As Nações Fracassam: As Origens do Poder, Prosperidade e da pobreza**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012

BEAULIER, Scott. Botswana: **A Diamond in the Rough**. 2010. Disponível em: <<https://fee.org/articles/botswana-a-diamond-in-the-rough/>> Acessado em: 25/06/2017.

CARDOSO, Karina et al. **Erradicação da pobreza e da fome: desafios no contexto da crise mundial de alimentos**. Simulação das Nações Unidas para Secundaristas - SINUS, 2009

COLTART, D. **A decade of suffering in Zimbabwe. Center for global liberty and prosperity – development policy analysis**, Washington DC, n. 5, mar. 2008
FALZON, Pierre. **Ergonomia**. São Paulo: Blucher, 2007

FRASER INSTITUTE (FI). **Economic Freedom of the World: Annual Report 2004-2005**. Disponível em: <https://www.fraserinstitute.org/studies/annual-survey-mining-companies-2004-2005> Acessado em: 30/06/2017.

FRASER INSTITUTE (FI). **Foreign Aid Doesn't Help the Poor – Economic Freedom Does**. 2006. Disponível em: <<https://www.fraserinstitute.org/article/foreign-aid-doesnt-help-poor-economic-freedom-does>> Acessado em: 30/06/2017

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. Tradução: Luciana Carli. São Paulo: Artenova, 1977

GUEST, Robert. **“Africa’s Development Challenge: From Predatory to Accountable Government”**. Cato Institute. 2005. Disponível em: <<https://object.cato.org/sites/cato.org/files/pubs/pdf/edb1.pdf>> Acessado em: 29/06/2017.

GWARTNEY, James; HOLCOMBE, Randall; LAWSON, Robert. **Government and the wealth of nations**. Disponível em: <https://www.freetheworld.com/papers/Gwartney_Holcombe_Lawson.pdf>. Acessado em: 02/07/2017.

GWARTNEY, James; HOLCOMBE, Randall; LAWSON, Robert. **The concept and Measurement of Economic Freedom** Disponível em: <https://campus.fsu.edu/bbcswebdav/orgs/econ_office_org/Institutions_Reading_List/05._Measurement_of_Economic_Freedom/Gwartney,_J._D._and_R._Lawson-_The_Concept_and_Measurement_of_Economic_Freedom>. Acessado em: 01/07/2017.

HARITAGE. **Explore the Data** Disponível em: <<http://www.heritage.org/index/visualize?cnts=botswana&type=2>>. Acessado em: 02/07/2017.

ISS AFRICA, Zimbabwe – **Fact File: Political History and Governance**. Disponível em: http://www.issafrica.org/index.php?link_id=14&slink_id=3525&link_type=12&slink_type=12&tmpl_id=3. Acessado em: 6 de Agosto de 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

LIMA, F. R. F. **Apontamentos sobre a liberdade econômica no mundo**. In: VI, 2010

MANKIW, N. G. **Princípios de Microeconomia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005

MBEKI, Moeletsi. “**Underdevelopment in Sub-Saharan Africa: The Role of the Private Sector and Political Elites**”. Cato Foreign Policy Analysis no 85. 2005. Disponível em: <<https://fee.org/articles/botswana-a-diamond-in-the-rough#ixzz2Z2GfmwWh>> Acessado em: 30/06/2017

MCMAHON, Fred. Fraser Institute. Mining helps build prosperous communities. So why do governments embrace anti-mining policies? Disponível em: <<https://www.fraserinstitute.org/article/mining-helps-build-prosperous-communities-so-why-do-governments-embrace-anti-mining-policies>> Acessado em 01/07/2017.

MCMILLAN, John. **A REINVENÇÃO DO BAZAR - UMA HISTÓRIA DOS MERCADOS**. Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Ed., 2005

MILLER, Terry; KIM, Anthony B. **Defining Economic Freedom**. Disponível em: <<http://www.heritage.org/index/book/chapter-1>> Acessado em: 02/07/2017.

MILLER, Terry; HOLMES, Kim R.; FEULNER, Edwin J. **Destaques do Índice de Liberdade Econômica: Promovendo Oportunidade Econômica e Prosperidade**. Disponível em: https://thf_media.s3.amazonaws.com/index/pdf/2012/Index2012-Highlights-Portuguese.pdf Acessado em: 03/07/2017.

OLIVEIRA, Silva Menuci. **Barreiras não tarifárias no comércio internacional e direito ao desenvolvimento**. São Paulo: Renovar, 2005

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. v. 1. Rio de Janeiro: contraponto, 2005

RABARDEL, Pierre et al. *Ergonomie: concepts e méthodes*. Toulouse, France: Octares, 2002

ROLLIM, Cássio. **O empobrecimento da África e as estratégias atuais para a reversão da situação** UFPR, Working Papers, n. 88, 2009

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 11. ed. Porto: Afrontamentos, 1999

SARAIVA, José Flávio. **África, parceira do Brasil Atlântico**. Belo Horizonte: Fino Traço 2012

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

SMITH, Adam. **A riqueza das nações; investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo, Abril Cultural, 1983 (Os Economistas)

THE LEGATUM PROSPERITY INDEX™ 2016. Disponível em:
<<http://www.prosperity.com/rankings>> Acessado em: 02/07/2017.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2000

VISENTINI, Paulo Fagundes, e Equipe CEBRAFRICA. **A África e as Potências Emergentes: Nova Partilha ou Cooperação Sul-Sul?** Porto Alegre: Leitura XXI 2013

TURSE, Nick. **Target Africa**. 2015. Disponível em: <<https://theintercept.com/drone-papers/target-africa/>>. Acessado em: 30/06/2017

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. 2016. Disponível em:
<<https://www.transparency.org/research/cpi/%20>>. Acessado em: 03/07/2017

WORLD BANK. **Understanding Poverty**. Disponível em: <www.worldbank.org/poverty/mission/up1.htm>. Acessado em: 02/07/2017

